

CHRONICA QUENTE E BOA

Ao tempo que corre sem incidentes, monotono e igual, costumam os jornaes chamar «época de calma serenidade.» Ora não é precisamente assim a época que atravessamos. De calma é ella; não ha duvida, mas lá de serenidade, não nos parece.

A agitação é, pelo contrario, manifesta. Agitam-se leques, agitam-se questões, agitam-se remedios antes de usar... Nos cerebros a mesma agitação. Agitam-se ideias as mais desencontradas. Ha quem pense em tomar carapinhada. Ha quem á carapinhada prefira sorvete. Ha quem almeje uma ida a Paris. Ha quem suspire por uma vaga de notario... A calma em vez de nos amolecer os corpos, excita-nos os animos. Estamos damnados.

Se o calor aperta temos com certeza uma seria conflagração. Ólariça! O sr. José de Azevedo não esteja de atalaya e verá a agua que lhe damos pela barba! O sr. Hintze não pense em medidas sérias e verá como lhe damos com os burrinhos n'agua, salvo seja.



A excitação chegou a tal ponto, que ha quem lave a cara todos os dias. Caras de muito boa gente, caras muito honradas. E isto, em Portugal, é o mais serio dos symptomas...

Da barra, nem a mais pequena vi-
ração. Suffoca-se. Nem o vulgar vento
de insania quer nada connosco. E'
do descredito a que chegamos. Pre-
cisamos evidentemente de mandar ao
vento de insania, para chegarmos a
acordo, o sr. Madeira Pinto com a
sua diplomacia, o sr. Perestrello com
umas clausulas, o sr. Carrilho com o
seu passinho de dança e as suas lin-
das maneiras de bichinho de conta...
corrente. Urge que o governo pense
n'escas acertadas providencias. Pen-
se, pense, que a pensar tem morrido
até muita gente sem governo...

Urge, sim, pois tambem na impre-
ssa se nota certa agitação.

O sr. Carrelhas já deu a entender
o seu descontentamento em certas
palavras publicadas no *Jornal do Com-
mercio*:



«De palpebras cerradas, como n'um
extase, oh meus filhos, sinto-me li-
quifaser!»

O governo comprehende? Pois se
comprehende, acantele-se. Olhe que
o sr. Carrelhas com o extase é peri-
gossissimo.

No *Popular*, o sr. Marianno de
Carvalho já mostrou os dentes.



«Ha de notar-se que o balancete
do Banco de Portugal referido á se-
mana finda, já accusava na carteira
commercial um calor excessivo, que

o governo sobrepticiamente foi ar-
rancar a outras verbas. Vaes bem,
Miguel!»

O sr. Alberto Pimentel já ha dias
se manifestou em folhetim:

«Um dia, Camillo Castello Branco
disse-me: — Oh Pimentel, faz um ca-
lor dos demonios. Mas não diga nada
ao Silva Pinto. Lembre-se que você
é que é o meu discipulo bem amado.»

A assim por deante.

A tempestade ruge. Cheira a es-
turro. A pituitaria do governo deve
ter percebido que a opinião publi-
ca tem bispo, o que é grave. No tem-
po do sr. Alpoim a opinião pu-
blica nunca chegou a tanto, nunca
passou de ter conego.

Lembre-se o governo que o é de
verão. Como tal o proclamou o paiz
unanimemente no dia em que o sr.
José Luciano cahiu... em não retirar
a reforma constitucional. Ao gover-
no cumpre-lhe honrar a sua divisa,
sêr a valer um governo de verão,
um governo fresco, de calças de li-
nho e de camisa de Oxford. Comece
a sua obra de refrigerio e dando o
exemplo, que deve vir sempre de ci-
ma. Deite neve na rethorica inflama-



da do sr. Arroyo, metta os quentes
impetos do sr. Teixeira de Sousa na
caixa do gelo, destempe com agua
de Caneças, de tão reconhecida vir-
tude, os abrasadores impulsos guer-
reiros do sr. Pimentel Pinto.

Nada receie, ponha-se á vontade.
Em ceroulas, por exemplo. As cir-
cunstancias são apertadas e não
admittem dilações. Ao governo cum-
pre obrar de maneira decisiva e ener-
gica. As aguas de Carabaña impõem-
se!

Vá, força! E creia o sr. Hintze
que a opinião publica não lhe ne-
gará o *bidet* do seu apoio!

PROSADORES E POETAS DE RILHAPOLIS

VI

Um dia, numerosa cavalgada,
Apeia-se ao portão,
Limpa-se da poeira, entra na escada,
Fala ao guarda-portão:
— «O senhor D. Martinho d'Aguiar
Mora aqui, pois não mora?»
— Já morou, já morou no quarto andar,
Mas agora
Já não mora
Pois que mora
Com Rodrigo Velloso, escriptor fundo,
Rua Augusta, setenta, no segundo.

THOMAS RIBEIRO.

VII

Do ALEM

N'essa noite o luar era quente e prateava
os relvados de pelucia do seu jardim.
Mas lá de cima, da alta janella, não po-
dia a sua bôca beijar a minha.
Em supplica a sua voz dizia:
— «E deixa andar, corra o marfim!»
Mas lá de cima, da alta janella, não po-
dia a sua bôca beijar a minha.
Então, rasgando-se toda, despiu-se ao luar
e arrojou-me os seus vestidos, gemendo as-
sim:
— «Estás com sorte, grandessissimo ga-
jo!»

ANTHERO DE FIGUEIREDO.

VIII

A genese das theocracias neo-latinas, te-
ve, como Prudhon assignalou com singular
perspicacia confuciana, concomitante e
empyrica, diffusão synthetica da pyrrhonice
gauleza; d'ahi a periphrase hegeleana que
estabeleceu principios incompletos mas lu-
cidos do paganismo celta, a que Conte se
referiu no seu admiravel *Ensaio geral* em
pequenas mas substanciosas notulas que
muita luz lançaram na tenebrosa noite do
espirito de melissa.

JOSÉ PEREIRA DE SAMPAIO.



As novidades litterarias:

Estando em risco de dissolver-se, com-
pletamente desmanchada, a sociedade artis-
tica do theatro de D. Maria, o respectivo
commissario está escrevendo sobre o caso
um livro. Titulo: *O desmancho de D. Ma-
ria*.



— Quantas são as pessoas da Santissima
Trindade?

- Uma.
- Como assim?
- O sr. padre Espirito Santo.
- Explique lá isso.
- E' padre, é Espirito Santo e é filho do
seu pae e da sua mãe d'elle.



Tuga Cia

COMEÇO DO SERVIÇO DOS RESERVISTAS

AGOSTO DE 1900



A' PAISANA



A' MILITAR



Um reservista — Ex.^{mo} Senhor Sargento,
V. Ex.^a quer ter a bondade de me deixar ir
lá dentro?

N'UM MAR DE ROZAS



Mimi Pires — Ail que rapaz tão ca-
tital...

O Soles — As bixas pegam!... Escre-
vo-lhe com certeza...

DIPLOMACIA ALEGRE

MINISTROS PORTUGUEZES PARA O BRAZIL



Musica do

Que é d'ella a chave
Que te dei para guardar?

RECEPÇÃO NO CATETE

DESEMBARQUE NO RIO

MINISTRO

Que é d'ella a espada
Que te dei para guardar?

SOPEIRA

Está no fundo do beliche
Com a sombrinha da mentis.

MINISTRO

Vae buscar minha espadinha
Pr'a poder-me apresentar.

SOPEIRA

Não senhor, vae mais bonito
Levando só o seu olhar.

PRESIDENTE

Qu'è do papel
Que voce tem que apresentar?

MINISTRO

Está na mão da sopeirinha
Pr'a melhor se conservar.

PRESIDENTE

Não trazendo o papelinho
Que é costume apresentar
E' bater em retirada,
Que o não posso acreditar.

MINISTRO DO BRAZIL

NO HOTEL

Que é d'ella a carta
Que te dei para guardar?

SOPEIRA

Escondia na panela
Pr'a você poder voltar. E volta.

Serviço de pombos-correios de cá para lá e de lá para cá; em vez de pombos são melros.
Levam no bico as noticias de cá e trazem no bico os diplomas de lá.

Do alto do Pão d'Assucar o Brazil olhando
para Portugal, pede ministro como quem pe-
de chuva com a popular canção brasileira.

Vem cá Bitu, vem cá Bitu
Vem cá, vem cá, vem cá.
O ministro responde de cá:
— Não vou lá, não vou lá
Não vou, não
Só se fôr para voltar.

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO



A FIALHO D'ALMEIDA

VENHA A NÓS A TUA GRAÇA!

Fialho amigo!

Isto de longe não tem graça!
 Põe a corôa real da esturdia e da chalaça,
 Deixa o mildio e a adega, os pampanos e a Cuba,
 A poeira que te cresta e o sol que te derruba,
 Recobra a tua graça heraldica e meudinha,
 Guarda o tédio na arca e manda ao diabo a vinha!
 E's preciso por cá! Aparece, co'a bréca!
 Olha que bestealisa, o vento da charneca,
 E essa terra escalvada, onde perdes os passos,
 Tem-te inutil, p'ra ahi, como um homem sem braços!
 Isto por cá vaca mal, oh grande insatisfeito!
 Põe os Gatos na mala e uma gardenia ao peito!
 Falta á luz dos cafés a luz da tua telha!
 Eia! Toca a vestir como um arco da velha!
 Bachosinho flamengo, o desalento mata!
 Põe o alfinete D. João V na gravata,
 E no corte subtil de teu calão bizarro,
 Toca a fazer chalaça entre um bock e um cigarro!
 Traze piadas do trinque e traze bom humor!
 Olha, a rua do Oiro é um delirio de cor!
 Vem por ahi abaixo em fuga tumultuaria!
 Lembra-te: és um queixal da Arcadia Dentaria,
 E tens de mastigar, em repentes de chasco,
 Tretas, Bezerros d'Ouro e Estradas de Damasco!
 Se a tua graça não vem, iremos lá busca-la!
 Tres horas. Lindo sol!

Fialho, faz a mala!



O EXTRANGEIRO NA PARODIA

(Sempre do Lustige Blatter)



... E afinal, apesar das potencias alliadas, será o Belzebuth japonéz quem hade cortar o rabicho ao diabo chinez.

PHASES D'UMA IDA A PARIS



Parte brevemente para Paris o nosso amigo X.



Parte para a semana para Paris o nosso amigo X.



Parte amanhã para Paris o nosso amigo X.



Partiu hontem para Paris o nosso amigo X.



Chegou a Paris o nosso amigo X.



Acha-se já em Paris o nosso amigo X.



Do *Jornal do Commercio*, celebrando a philantropia de um leitor, assiduo já se vê:

—O senhor é da Misericórdia...? — perguntou ella ao nosso amigo, vendo-o entrar com a sua boa physionomia já de si boa.

A physionomia d'este seu amigo, Carre-lhas, é como a pescada, que antes de o ser já o era.



Definições:

Sogra — Flagello que o Batalha Reis ainda ha de descobrir nas vinhas.



Cumulo:

Tocar o hymno da Carta n'uma corneta... acustica.



E nós quando partimos para Paris?



Os apreciados vinhos da casa — Wenceslau — são indispensaveis em todas as mesas. Deposito — 20, Praça de Luiz de Camões. Telephone, 907.

MACHINAS DE ESCRIVER «YOST»

R. dos Retrozeiros, 35, 1.º D.º

AGENCIA NACIONAL

DIRECTOR: AUGUSTO SOARES
Anuncios para os jornais do país e estrangeiro. —
Affixação de cartazes. — Publicidade em todos os gêneros.

Copures de journaux sur tous sujets et personnalités.
RUA AUREA, 178. — TELEPHONE: 286

Código Commercial Telegraphico «Ribeiro»

O primeiro código geral telegraphico publicado em lingua portugueza.

R. de Alcorim, 30-A

A. L. FREIRE



Com ateliers de gravura e grande estabelecimento de paparia e officinas de typographia, lithographia e encaderador, fabrica de carimbos e suas machinas, armazem das letras esmaltadas, retratos a crayon, cutelaria, ferragens, perfumarias, etc., fundados em 1889.

Telephone 943.

RUA DO OURO, 158 a 164

**Companhia Real
dos Caminhos de Ferro Portuguezes**

SERVICO DOS ARMAZENS

Fornecimento d'oleo mineral

No dia 13 de Agosto pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a commissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o fornecimento de 300.000 kilogrammas d'oleo mineral escuro.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos armazens (edifício da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e em Paris nos escriptorios da Companhia, 28 Rue de Châteaudun.

Lisboa, 11 de Julho de 1900. — O director geral da Companhia, Chapuy.

EXPLORAÇÃO

Está aberto o concurso para a admissão de praticantes para factores e guardas-freios nas escolas de Lisboa e Coimbra.

As condições d'admissão são as seguintes:

1.º Não ter menos de 15 annos nem mais de 25 para os praticantes de factores, nem menos de 18 nem mais de 30 para os praticantes de guardas-freios.
2.º Ter approvação em exame de instrução primaria.

3.º Ter boa constituição physica comprovada pelo Serviço de Saude da Companhia.

4.º Ter bom comportamento anterior devidamente comprovado.

Os requerimentos, escriptos em papel sem ser sellado, pelo proprio punho do concorrente, deverão ser dirigidos ao engenheiro em chefe da Exploração até 25 do corrente e n'elles será indicada a morada do concorrente.

Lisboa, 2 de agosto de 1900 — O engenheiro em chefe da Exploração, A. de Vasconcellos Porto.





OS GRANDES PERIGOS

